

TORNAR-SE NAQUELE QUE SE É: FIGURAS MARCELIANAS DO CAMINHO PARA SI-MESMO

[BECOMING WHO WE ARE: MARCELIAN FIGURES OF THE PATH TOWARDS ONESELF]

José Manuel Beato

jose.beato71@gmail.com

Doutor em Filosofia pela Universidade de Coimbra, com tese sobre *A metafísica e moral de Vladimir Jankélévitch*. Mestre em Filosofia pela Universidade de Coimbra com a dissertação *O Sentimento Ontológico em Gabriel Marcel*, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Luísa Portocarrero F. Silva. Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra FLUC (Portugal). É membro da *Association International 'Présence de Gabriel Marcel' – Paris – France*; membro da Unidade de Investigação & Desenvolvimento “Linguagem, Interpretação e Filosofia”. Membro colaborador do "Instituto de Estudos Filosóficos" e do "Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos", unidades I&D da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Foi bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia entre 2014 e 2018 (SFRH/BD/92466/2013).É, ainda, Membro do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos de Fluc. É ainda Pós-Graduado em Ciências Documentais pela FLUC da Universidade de Coimbra, assim como concluiu o Curso Complementar de Canto do Conservatório de Música da mesma cidade.

DOI: [10.25244/tf.v13i3.364](https://doi.org/10.25244/tf.v13i3.364)

Recebido em: 16 de janeiro de 2020. Aprovado em: 29/01/2020

Caicó, ano 12, n. 3, Edição Especial, 2019, p. 127-140 - ISSN 1984-5561
Dossiê em Comemoração aos 130 anos do Nascimento de Gabriel Marcel



Tornar-se naquele que se é: figuras marcelianas do caminho para si mesmo

BEATO, José Manuel

Resumo: Trata-se, no presente artigo, de articular a injunção de Píndaro "Torna-te naquele que és" com a máxima de Gabriel Marcel "ser é estar a caminho", de modo a elucidar a noção e discernir o sentido da "itinerância existencial" no seio da reflexão do filósofo francês. Diríamos que à pergunta nuclear da "ontologia concreta" marceliana "o que sou?" pode responder-se através da referida exortação, de origem pindárica, retomada e comutada, quase insensivelmente, numa atestação. Poderia então dizer-se: "sou aquele em que(m) devo tornar-me". A partir desta articulação nocional indicamos as figuras centrais do caminho para si-mesmo: o amor e a esperança tecidos de fidelidade criadora. Concluir-se-á então que o caminho de acesso a si-mesmo implica a comunhão com a alteridade contingente e absoluta.

Palavras-chave: Itinerância. Vocação. Promessa. Devir.

Abstract: The purpose of this paper is to articulate Pindar's injunction "Become who you are" with Gabriel Marcel's maxim "to be is to be on a path" in order to elucidate the notion and discern the meaning of "existential itinerancy" within the core reflection of the French philosopher. We would say that the essential question of the Marcelian "concrete ontology" "what am I?" can be answered through this exhortation of Pindaric origin, retaken and commuted, almost insensibly in an attestation. It could then be said, "I am the one I must become". From this notional articulation we point to the central figures of the path towards oneself: love and hope woven through creative fidelity. It will then be concluded that the path of access to oneself implies communion with contingent and absolute alterity.

Key-words: Itinerancy. Vocation. Promis. Becoming.

Tornar-se naquele que se é: figuras marcelianas do caminho para si mesmo
BEATO, José Manuel

PENSAMENTO E EXISTÊNCIA: UMA MESMA ITINERÂNCIA

É comum colocar-se a figura, a obra e o pensamento de Gabriel Marcel sob o signo da itinerância. Podemos aludir ao inveterado caminheiro dos diários metafísicos, ao dramaturgo que põe em cena a multiplicidade dos destinos pessoais, mas ainda ao conferencista cosmopolita que traçou mil rotas para a sua reflexão. Todavia, iludidos pela compendiosa e piedosa chancela de “existencialista cristão” – sempre vigorosamente rejeitada pelo próprio Marcel seria um equívoco ver no nosso viandante o peregrino de uma demanda que, ainda que longínqua e perigosa, estaria distintamente identificada, e cujas penitentes provações apenas reforçariam a sua luminosa convicção. A senda é outramente perfilada, pois, uma filosofia itinerante submete-se aos acasos da errância e ladeia sempre o desespero.

As imagens a que Marcel recorre são antes as do explorador que abre pistas e sinaliza percursos em territórios estranhos ou fronteiriços, a do caminheiro numa vereda cimeira mas escarpada, suspensa entre dois abismos, ou do exilado abrindo trilhos entre os escombros de um “mundo quebrado”. Se “ser é estar a caminho”- e tal é o mote decisivo - tudo consiste em encontrar nas veredas do exílio o sentido de uma itinerância, convertendo-a então em movência peregrina, sendo claro que a transformação interior é concomitante à travessia. Nos termos exatos de Marcel – ao referir-se ao seu próprio percurso - , trata-se de

descobrir o mais íntimo no coração do mais distante, isto é, não de triunfar externamente do espaço [nem do tempo], mas extrair dele um segredo espiritual que reduziria a nada o seu poder de segregação. O que importava para mim era descobrir um alhures que pudesse tornar-se essencialmente um aqui (MARCEL, 1947, p. 305)

Não é despidendo sublinhar o que constitui o eixo central da obra filosófica de Gabriel Marcel: os três diários metafísicos cobrindo o período de 1914 a 1943. Não são um mero conjunto de notas avulsas unidas pela cronologia, mas o registo de um percurso sinuoso, feito de ousadas prospeções e de céticas hesitações, de avanços seguros e inesperadas paragens, de marchas lentas e saltos intrépidos. E no seio desta longa e meandrosa maturação da reflexão, há eclosões súbitas e iluminações. Este pensamento feito de transmutações internas, e não apenas da natural evolução inerente a uma progressiva articulação temática e ao acerto de um aparelho nocional. Assistimos à conversão de um idealismo exangue, no limite de um extremo subjetivismo e feito da mais rarefeita abstração, à constituição de um realismo existencial enraizado na experiência; depois, à comutação de uma metafísica sensualista, visando um novo imediato, num personalismo teísta levado ao limite da soteriologia; por fim, à passagem de uma ontologia concreta, nutrida por uma metafísica da invocação, à busca de uma sagesa trágica eticamente orientada, na qual os sentimentos ontológicas do amor e da esperança se prolongam em virtudes morais.

Na leitura do Diário Metafísico (I, II e III) participamos da reflexão em ato e seguimos o esboçar tateante da análise no movimento das suas aproximações reflexivas. A sua incursiva sinuosidade e as suas sugestivas alusões, os seus inspirados avanços e a apneia

Tornar-se naquele que se é: figuras marcelianas do caminho para si mesmo

BEATO, José Manuel

dos seus retrocessos sulcam pistas incertas e abrem caminhos seguros. Tudo se passa entre a gravidade e a imponderabilidade da meditação em exercício, tudo consiste na dinâmica do “pensamento pensante” lavrado ao ritmo de uma itinerância heurística.

“Talvez uma ordem terrestre estável só possa ser instaurada se o homem guardar uma consciência aguda da sua condição itinerante” (MARCEL, 1997, p. 5). É nestes termos que Gabriel Marcel abre o volume intitulado “*Homo Viator*: Prolegómenos a uma metafísica da esperança”, que reúne um conjunto de ensaios e conferências redigidos entre 1941 e 1944, nos quais destacaríamos “Eu e o Outro” e “Esboço de uma Fenomenologia e de uma metafísica da Esperança”. Estes textos situam-nos de imediato no que há de essencial: “ser é estar a caminho” (MARCEL, 1997, p. 10), pela dimensão do “profundo” onde o espaço e o tempo convergem ao mesmo tempo que são transcendidos.

Por itinerância existencial entendemos o caminho da existência ao ser, movido por uma inapagável inquietação metafísica e por uma irreduzível exigência de transcendência, vividas segundo o duplo ritmo e tonalidade de uma tensão trágica e de uma adesão lírica. A comunhão com o outro (o tu contingente e o tu absoluto, na figura de um Deus sempre mantido em rigorosa *epoché*) e a vivência do tempo sob o signo da esperança, que fecunda a duração além da dissolução do devir e da própria morte, bem como abre o horizonte das aspirações além das formas empiricamente constituídas do desejo, são as figuras decisivas do caminho para si mesmo. Definida a itinerância, o amor e a esperança configuram o sentido. Tal sucede numa dupla aceção: indicam uma direção e são modalidades do sentir. Como procuramos defender¹ num trabalho já antigo, são sentimentos de inserção existencial e de alcance metafísico ao mesmo tempo que configuram virtudes, ou seja forças do agir eticamente fecundas, pois situam-se na convergência da afetividade, da inteligência e da vontade.

“Ser é estar a caminho” (MARCEL, 1944, p. 10) significa que “não sou, tenho de vir a ser” (MARCEL, 1967, p. 120), mas mais ainda que “o meu ser não é uma natureza dada mas uma aspiração criadora”, pelo que somos conduzidos à fórmula inesgotável “torna-te quem és” (MARCEL, 1954, p. 70).

Articulemos estes dois elementos e prolonguemos, nesta interseção, a reflexão Marceliana. Diríamos que à pergunta nuclear da “ontologia concreta” “o que sou?”, à qual não se oferece uma solução teoricamente articulável, apenas pode responder-se através da injunção que, insensivelmente, se comuta numa atestação: “torna-te naquele que és”. Poderíamos então dizer: “sou aquele em que devo tornar-me”.

TORNAR-SE NAQUELE QUE SE É

Marcel faz portanto sua a injunção de Píndaro², retomada e reinterpretada em vários contextos por Nietzsche³, recorrentemente problematizada pelo seu contemporâneo

¹ BEATO, José Manuel - O sentimento ontológico em Gabriel Marcel. Coimbra: [s.e.], 2009.

² Marcel não cita Píndaro na sua célebre exortação a Hierão (Píticas, II, verso 72). Eis o verso completo que inclui um aspeto não considerado na recuperação posterior da máxima: “γένοι, ὅς ἐσσι μᾶθόν”, na tradução portuguesa de António Castro Caeiro “Aprende a tornar-te naquilo que és” (Píndaro – Odes Píticas- Trad. e notas de António Castro Caeiro. [Lisboa]: Prime Books, 2006. p. 40). A seguinte tradução inglesa talvez restitua de modo mais literal os termos da injunção pindárica: “Become such as you are, having learned what that is” (Pindarus - Olympian odes ; Pythian odes. Trans. by William Hosmer Race. Cambridge: Harvard University

Tornar-se naquele que se é: figuras marcelianas do caminho para si mesmo

BEATO, José Manuel

Vladimir Jankélévitch, mas também mobilizada por Heidegger⁴. Segundo o espírito desta sentença, temos de vir a ser algo que, de algum modo, e paradoxalmente, já somos, sem porém sabermos exatamente o que seja, antes de o sermos efetiva ou plenamente, ou de percorrer o caminho que o revela, o manifesta ou o gera. Todavia, somo-lo desde já e sabemos-lo, aqui e agora, de alguma maneira, pois de outra forma não o poderíamos descobrir em nós, nem o poderíamos visar fora de nós.

Com a máxima em apreço, traduz-se uma distância de si a si-mesmo, uma não coincidência e uma desproporção fundamentais implicando uma dinâmica de “reconhecimento” e de “realização”. Trata-se assim da inscrição de si-mesmo num intervalo fundamental que a tensão dramática e itinerante “da existência ao ser” traduz. Ela implica o que Jankélévitch designa como “os dois paradoxos inversos do reconhecimento”: podemos aprender aquilo que já sabíamos ou descobrir o que já tínhamos encontrado, mas também reconhecer aquilo que de forma alguma conhecíamos (JANKÉLÉVITCH, 1980, p.160).

A não coincidência começa por ser ditada pelo diferimento da consciência reflexiva, quer dizer, se “o si é o eu enquanto refletido” (JANKÉLÉVITCH, 1968, p. 145-146) a tomada de consciência e a relação do eu a si-mesmo é sempre segunda face ao que há de centrífugo e extático no movimento existencial do eu projetando-se e derramando-se intencionalmente no mundo.

A dinâmica da “realização” e o “reconhecimento” envolvem a máxima unicidade do indivíduo - o que em nós há de único, irrepitível e irreduzível - a ipseidade - e a plena realização do Humano em nós – a humanidade. Neste plano, facilmente vemos que é

Press, 2014, p, 244 e 245; ou “Learn and become who you are” (Tradução de Diane Arnsion Svarlien, disponível em <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:abo:tlg.0033.002:2>). Formularíamos talvez deste modo: “Torna-te quem és, quando o tiveres aprendido”. A primeira parte indica um imperativo para realizar algo que de alguma forma nos é próprio, mas “μαθών” (quando o tiveres aprendido) exprime a ideia de ter havido uma determinada aprendizagem. António Castro Caeiro valoriza na sua tradução e sublinha, no seu comentário, esta questão da “aprendizagem” que condiciona a realização e a individuação. O tornar-se naquele que se é implica uma “possibilidade única que me torna possível e ao mesmo tempo me deixa descartar de possibilidades que não são para mim”. Tudo consiste, pois, em “aprender o *como*, a *maneira* e o *modo* como sou. (Odes Píticas... p. 48).

³ Não sendo Píndaro citado por Marcel, é, cremos, de Nietzsche que recebe o famoso preceito. Aludiremos abaixo à Epígrafe de Ecce Homo, Assim falava Zaratustra e A Gaia Ciência

⁴ Ao contrário de Nietzsche e de Jankélévitch, Heidegger convoca direta e explicitamente Píndaro. Na “Introdução à metafísica”, propõe uma tradução do verso 72 das Odes Píticas, II: “Τῆνοι ὁῖος ἐσοῖ μαθών: »möchtest du hervorkommen als der, der du bist, indem du lernst«” (Martin Heidegger - **Einführung in die Metaphysik**. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1983, p. 108). Na tradução portuguesa “queiras mostrar-te como aquele que és, aprendendo” (Martin Heidegger - Introdução à Metafísica. Trad. de Mário Matos e Bernhard Sylla. Lisboa: Piaget, 2017, p. 112; mesma opção na versão brasileira: Martin Heidegger - Introdução à Metafísica. Trad. de Emanuel Carneiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999, p. 128). As diferentes apropriações da tradução heideggeriana vinculam-se, naturalmente, à receção do próprio idioma e conceptuologia do autor de *Ser e Tempo*. Heidegger relaciona a máxima em apreço com referências do poeta, em outros passos das odes, à ideia de “natureza”, interpretada como aquilo que “perdura no desenvolvimento”, ou que “permanece brotando” ou que “emergindo permanece”. Tal sucede com as ocorrências do termo “*φύσις*” que designa o que alguém própria e originariamente já é, o “que já está essencializado”, à diferença das coisas obtidas por força ou artifício (Martin Heidegger - Introdução à Metafísica. Trad. de Mário Matos e Bernhard Sylla. Lisboa: Piaget, 2017, p. 112). A referência sucede no capítulo II, intitulado “Ser e parecer”, pelo que Heidegger relaciona a sentença com as noções de ser como aparecimento e da verdade como desocultação, enquanto “aparecer-parecente” (ou “aparecimento que aparece”), ligadas às de natureza produtora de si como aquilo que já é, mas ainda tem de vir a ser. Tornar-se aquilo que se é, para o filósofo de Friburgo, consiste num sair da latência no qual se produz, ao mesmo tempo que se desoculta ou desvenda, algo que sempre fomos e cuja “essência” consiste nesse mesmo processo.

Tornar-se naquele que se é: figuras marcelianas do caminho para si mesmo

BEATO, José Manuel

impossível fazer a economia da meta problemática da noção de “pessoa”, onde esta dupla exigência do universal e do singular se dialectiza. E joga-se aliás aqui uma primeira ambiguidade entre o “*aquilo que somos*” e “*quem somos*”, que podemos verter na dualidade marceliana do “ser” e do “ter”: cuja essencial ambiguidade e tensão fora já assinalada desde as primeiras reflexões em torno da noção de “encarnação” e de “ser em situação”. Não *tenho um* corpo, objetivamente e objectualmente constituído, mas *sou o meu* corpo, sem contudo identificar-me a ele no sentido grosseiro de um monismo materialista. Sou a minha situação, na medida em que “ser em situação” significa que a teia das circunstâncias que me rodeia excede a cisão do “interior” e do “exterior”⁵. *Existir* como pessoa consiste em *ser* para além da série finita ou transfinita das atribuições predicativas, do inventário das propriedades físicas e psíquicas, das disposições afetivas e caracteriológicas, do feixe de funções sociais e políticas, e mesmo do ADN, por exemplo, poderia identificar-se o último reduto identitário verdadeiramente singular.

São expressões concretas dessa essencial “desproporção” do eu a si-mesmo, o mistério da inexaurível ipseidade, que excede o plano das suas múltiplas pertenças identitárias, mas também a não coincidência entre “a vida e o ser”, modo de formulação do problema em que Gabriel Marcel insiste em várias ocasiões. Não apenas se verifica que “a minha vida está infinitamente para além da consciência que possa tomar dela” (MARCEL, 1997b, p. 181), sendo que é “essencialmente desigual a si-mesma”, mas ainda que “a minha vida, e por refração, qualquer vida, escreve o autor, pode aparecer-me como para sempre inadequada a algo que trago em mim, que em rigor sou, mas que, no entanto, a realidade rejeita e exclui” (MARCEL, 1949, p. 66). Ou, noutros termos ainda, “as circunstâncias nas quais as nossas existências se desenrolam podem tender a torná-las estranhas ao mais fundo de si-mesmas” (MARCEL, 1997b, p. 181).

A ipseidade aquém e além da identidade, a pessoa além da personalidade, a minha vida aquém do que sou, quem sou além do que sou: tais são os modos como podem ser declinadas a não coincidência, a desproporção e a distância entre eu e mim-próprio.

Mas este “torna-te quem és” tem a forma de uma injunção, de um dever: “*deves torna-te quem és*”. Com o imperativo, somos claramente situados uma perspectiva em que a esfera ontológico-existencial se tece de uma dinâmica ético-moral, onde *ser* se declina como *poder* e como *querer* face a uma tarefa, que, na linguagem de Jankélévitch, se impõe quoditativamente, sem se definir quiditativamente, ou seja, sabemos *que* sem saber *o quê*.

Esta conexão da metafísica e da moral deixa entender que a exigência de realização esteja aquém e além da oposição do “dever-ser” e do “ser” que, seguindo a lição de David Hume - que tanto influenciou o pensamento ético moderno, se situam em planos de mútua irredutibilidade. Recordemos que, para o pensador escocês, o “dever ser” não pode inferir-se daquilo que “é” sob pena da esfera dos juízos descritivos ou factuais contaminar ilícitamente o plano prescritivo ou axiológico.

Ora, a nossa injunção suscita e impõe uma rearticulação das noções de facto e valor – tema tratado por Marcel em *Le Mystère de l'être* - não incorrendo, todavia, na “falácia naturalística”. Na verdade, a “facticidade” na qual o homem se reconhece lançado, aqui e agora, está sujeita a uma permanente reapropriação e reconfiguração, suscitando a liberdade com obstáculos ou estímulos. Nisto, consiste, precisamente a “existencialidade”. A

⁵ Acerca destes temas, veja-se, por exemplo os estudos *L' être incarné, repère centre de la réflexion métaphysique, Ébauche d'une philosophie* concreta, e *Aperçus phénoménologiques sur l'être en situation*: MARCEL. Gabriel. **Du refus à l' Invocation**. Paris: Gallimard, 1940.

Tornar-se naquele que se é: figuras marcelianas do caminho para si mesmo

BEATO, José Manuel

facticidade não é uma fatalidade e transcende a dualidade da contingência e da necessidade, da liberdade e do determinismo.

Com efeito, aquilo a que aspiramos está na convergência da verdade e do ser e do valor, é o próprio Gabriel Marcel que o afirma em termos inequívocos:

talvez possamos encontrar, sob a forma de vestígios, de sobrevivência indistinta, aquilo que, noutras tempos, foi a aperceção dos atributos do Ser e da sua implicação recíproca: porque há um plano onde os transcendentais comunicam, onde o Verdadeiro não é separável do Bem nem do Belo (MARCEL, 1940, p. 181).

Nesta rearticulação existencial da metafísica e da moral, este ser em que devemos tornar-nos e que devemos cumprir em nós não é dado como “potência” – ou seja, enquanto possibilidade definida por uma essência ou “*ergon*”, de que o “ato” se limitaria a ser um movimento de efetivação estacionária. Somos levados a pensar, com Ricoeur, que a dualidade metafísica fundamental *energéia / dynamis*, ainda que possa ser utilmente mobilizada nesta articulação e numa “ontologia da ipseidade”, designa “um fundo de ser ao mesmo tempo potencial e efetivo sobre o qual se destaca a ação humana” (RICOEUR, 1990, p. 357). O que existe em ato não configura uma realidade consumada na imobilidade – como no Estagrita -, pois permanece fecundo, e a “potência” não é um mero programa a executar, mas uma possibilidade aberta. Aqui é toda a filosofia do ato, tão próxima de Louis Lavelle que poderíamos talvez evocar até mobilizar, a partir da tese fundamental da “identificação do ser e do ato” (LAVELLE, 1947, p. 47) que, visto como “poder-agir livre” e “participação na realidade”, emancipa-se de qualquer dado ou essência determinante. Por outro lado, não se trata de uma dinâmica exclusivamente teleológica que indica uma passagem ou transitividade linear, entre o “homem tal como é” e o “ser-humano-tal-como-poderia-ser-se-realizasse-a-sua-natureza-essencial”, na expressão de Alasdair MacIntyre (MACINTYRE, 2007, p. 52). Há algo inerente ao processo, ao caminho, que é, em si mesmo, constitutivo do ser que somos. Pois, se o que temos de vir a ser fosse desde logo distintamente conhecido, eliminaria precisamente o que na dinâmica do caminho se revela, fixaria como um destino fechado, o que é, ao invés, uma destinação aberta.

“Devemos tornar-nos quem somos”, tal é a chave que permitiria posicionar o sentido da itinerância existencial. Mas qual o sentido exato desta injunção para Marcel e qual a sua especificidade face a formulações anteriores. A esta questão Gabriel Marcel também não responde explicitamente.

Do lado de Píndaro: "Torna-te quem és, quando o tiveres aprendido" ou "Torna-te qual aprendeste a ser". Tal é a exortação de Píndaro a Hierão I, na II Ode Pítica. Alguns comentadores colocam-na no estrito prolongamento do preceito délfico "conhece-te a ti mesmo"⁶. Tudo consiste em instigar o Tirano de Siracusa a realizar e afirmar por ações

⁶ Veja-se: VERNANT Jean-Pierre, *L'individu, la mort, l'amour*, Paris : Gallimard, 1989, p. 224.). Trata-se de instigar o Tirano de Siracusa a realizar e afirmar por ações públicas a sua verdadeira natureza e personalidade, a partir do momento em que delas toma conhecimento no próprio elogio do poeta. O conhecimento de si coloca-se ao serviço da afirmação de si em conformidade com a função e o lugar no mundo que lhe são próprios, conforme à sua natureza, origem e destino. Tal conhecimento e afirmação apenas podem realizar-se quando o sujeito se confronta aos outros: na emulação e na competição. A exortação deve ser situada na dimensão agónica da civilização grega antiga. Os comentadores deixam entender que a injunção pindárica está a meio caminho entre o desejo de afirmação próprio da excelência aristocrática - tensa por um ideal de

Tornar-se naquele que se é: figuras marcelianas do caminho para si mesmo

BEATO, José Manuel

públicas a sua verdadeira personalidade, a partir do momento em que Píndaro, no seu próprio elogio, de algum modo lha dá a conhecer. O conhecimento de si coloca-se ao serviço da afirmação de si em conformidade com o lugar no mundo que lhe é próprio, conforme à sua natureza e origem.

Com Nietzsche, a máxima de Píndaro será interpretada no sentido de uma criação de si, progressivamente radicalizada na ideia de uma superação permanente, por afirmação da vontade de poder na senda do sobre-homem. Porém, é na *Gaia Ciência, Assim falava Zarathustra* e *Ecce Homo* que a apropriação do tema se torna, pelo contexto e na formulação, mais caracteristicamente nietzschiana, diríamos. A máxima de Píndaro será interpretada no sentido de uma criação de si. A realização e afirmação de si é radicalizada como uma superação permanente de si-mesmo, por afirmação da vontade de poder na senda do sobre-homem⁷.

Em *Gaia Ciência*, no § 270, pergunta-se: “Que diz a tua consciência? – “Deves tornar-te naquele que tu és”. O sentido da máxima é precisada no § 335: “Quanto a nós, queremos tornar-nos naqueles que somos, quer dizer, os homens novos, únicos, incomparáveis, aqueles que se dão as suas próprias leis, aqueles que se criam a si próprios!” (NIETZSCHE, 1984, p.178, 219, tradução alterada)⁸

Nesta perspetiva, é, precisamente, o “conhece-te a ti-mesmo” que é visto como obstáculo e por isso refutado, sobretudo no que ele envolve de temperança, de justa adequação a uma condição predefinida, pois dir-se-á, em *Ecce Homo*:

Que nos tornemos o que somos, *faz supor que não façamos ideia do que se é.*
Desse ponto de vista, até mesmo os erros da vida têm o seu significado e

superação de si - e o conhecimento da boa ordem do mundo, da vontade dos deuses, onde a contenção da “hybris” tem um papel importante. Veja-se também a este propósito: Nicolas Quéérini, “*Deviens ce que tu es*”, Les Cahiers philosophiques de Strasbourg. Nietzsche philologue et philosophe, n° 40, Nov. 2016, Presses universitaires de Strasbourg. 189-213.

⁷ Em Nietzsche, é significativa, desde logo, a epígrafe de “*Ecce Homo: Wie man wird, was man ist*”: “como alguém se torna o que é”, ou “como se chega a ser o que se é”. Embora também não faça explicitamente referência ao poeta, o tema aparece de algum modo já nas *Considerações Intempestivas* e será retomado em *Humano Demasiado Humano*, onde se trata essencialmente da questão do desenvolvimento e realização do indivíduo: “§ 263. [...] Cada um possui talento inato, mas em poucos é dado ou inculcado o grau de tenacidade, perseverança, energia, para tornar-se efetivamente um talento, quer dizer, para *tornar-se aquilo que é*, ou seja, dispensando-o em obras e ações” (Friedrich Nietzsche - *Humano Demasiado Humano*. Trad. de Paulo Osório de Castro. Lisboa: Relógio D'Água, 1997, destaque nosso e tradução alterada a partir do original disponível em <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/MA-224>.

⁸ (Friedrich Nietzsche - *A Gaia Ciência*. Trad. de Alfredo Margarido. Lisboa: Guimarães, 1984, p. 178, 219, tradução alterada). António C. Caéiro põe em paralelo o aforismo de Nietzsche e a sentença de Píndaro. Se neste último é central a “aprendizagem”, no primeiro sublinha o apelo da “consciência”: “A consciência, *Gewissen*, abre e dá a compreender através do seu apelo. A consciência diz como é conosco. [...] vinculando o que é dito num dever. Transforma o dito num ditado. O tornar-se, *werden*, e o ser, *sein*, do eu existe numa relação de ser com o dever. A consciência tem uma relação deontológica com o ser de mim. Assim, eu cumpro-me ou não, ou sou quem sou ou não, por dever ou contra o dever. A consciência diz o que deve ser e no que nos devemos tornar e ao mesmo tempo o que não deve ser e no que não nos devemos tornar. Basta satisfazer o dever” (num comentário às Odes Píticas... p. 48-49, na nota 8). Não pode subestimar-se o ditame pindárico, pois importa notar que é o próprio Zarathustra que o impôs e impõe a si-mesmo: “Porque é realmente isso que sou no fundo e por natureza, puxando, atraindo, levantando, elevando, um arrastador, criador e educador, e não foi em vão que disse a mim próprio noutra vez: “*Torna-te quem és!*”” (Friedrich Nietzsche - *Assim falava Zarathustra*. Trad. Alfredo Margarido. Lisboa: Guimarães, 1997, p. 266, tradução revista).

Tornar-se naquele que se é: figuras marcelianas do caminho para si mesmo

BEATO, José Manuel

valor, e, por um tempo, os caminhos transviados, os becos sem saída, as hesitações” (NIETZSCHE, 2008, p. 38, destaque nosso)⁹.

Nietzsche prosseguirá, nesta perspectiva, afirmando "que o *nosce te ipsum* será uma receita para a ruína”, e que a maior sagacidade consistiria no “esquecimento de si”, na "autoincompreensão” (NIETZSCHE, 2008, p. 38)¹⁰.

Vladimir Jankélévitch tematiza esta máxima no seu "Tratado das Virtudes" e em "*Le Je-ne-sais-quoi et le presque-rien*". Trata-se de um dever – quer dizer, de “uma necessidade facultativa” e de uma tarefa - implicando “a dialética do ser e do querer”, esta sendo reconduzida a uma devenida sempre inacabada na qual o homem escapa perpetuamente a si mesmo. Citemos: “Tornar-te o que és não significa que é inútil devir porque já és aquilo em que poderias tornar-te, mas sim, devem ao infinito, uma vez que o homem jamais é em ato tudo aquilo que poderia ser” (JANKÉLÉVITCH, 1970, p. 399). Regido pelos princípios existenciais da “alternativa” – ou seja, da intransponível renúncia a tudo aquilo que deixamos de ser para ser alguma coisa – e da “finitude”, nunca o homem esgota todas as suas possibilidades, pelo que a morte por mais tarde que sobrevenha, deixa ser um personagem inacabado (JANKÉLÉVITCH, 1970, p. 397). O meu ser, o ser que somos nunca é adquirido de maneira inalienável: o mesmo devém perpetuamente um outro, permanecendo ele-mesmo, na medida que o devir é a vocação” do ser humano (JANKÉLÉVITCH, 1970, p. 512) e a "única substancialidade do ser" (JANKÉLÉVITCH, 1980, 43). Na verdade, duramos sob a forma do devir como “continuação de alteridade” (JANKÉLÉVITCH, 1970, p. 397): “*je suis Moi, c’est à dire que je le deviens*” (JANKÉLÉVITCH, 1970, p. 396)¹¹.

FIGURAS DO CAMINHO PARA SI-MESMO

Qual o modo marceliano de entender o "torna-te quem és!”? Não pode residir na adequação a uma natureza definida, como o contexto de Píndaro o deixaria entender. Não

⁹ Modifica-se aqui a tradução proposta por Artur Morão: Friedrich Nietzsche – Ecce Homo: Como se chega a ser o que se é. Trad. de Artur Morão. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008, p. 38, em conformidade com o texto original: “Dass man wird, was man ist, setzt voraus, *dass man nicht im Entferntesten ahnt, was man ist*” (Disponível em <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/EH-Klug9>).

¹⁰ Não se trata de conhecer algo que existe desde sempre: "porque a tua verdadeira essência (*Wesen*) não está escondida no fundo de ti, ela está colocada infinitamente acima de ti ou pelo menos daquilo que geralmente tomas por ti-mesmo" Friedrich Nietzsche, *Schopenhauer éducateur*, In *Considérations inactuelles III et IV*, Texte établi par G. Colli et M. Montinari, Trad. Henri-Alexis Baatsch [et al.], Gallimard, Folio essais, Paris, 1990, p. 20

¹¹ É curioso notar que uma tal perspectiva – a que Jankélévitch não confere ainda posição hegemónica -, a ser radicalizada, coloca-se em consonâncias com o pensamento deleuziano, onde se insiste no carácter intransitivo do devir. Nos conhecidos diálogos com Claire Parnet, Deleuze afirma que “Devir jamais é imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, ... Não há um termo de onde se parte, nem um outro ao qual se chega ou se deva chegar. [...] A questão ‘o que tens feito de ti?’ é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se torna em alguma coisa, aquilo em que se torna muda tanto quanto ele próprio”. Na verdade, "*Aquilo que cada um devem não muda menos do que aquele que devem*" Assim, ser-homem, é um devir-homem, ou seja, consiste num reagenciamento constante, sem passado nem futuro, sem ponto de partida nem ponto de chegada, numa perpétua linha de fuga. Gilles Deleuze et Claire Parnet – *Dialogues*. Paris: Flammarion (Champs), 1996, p. 8-9; 16, 24, 39; 65. *passim*.

Tornar-se naquele que se é: figuras marcelianas do caminho para si mesmo

BEATO, José Manuel

pode consistir numa criação de si absolutizada, pura manifestação da *hybris*, como em Nietzsche. E também não pode ser adesão a uma pura devenida – em que devir perpetuamente um outro seria o único modo de ser e durar.

Como o fomos enunciando, tudo consiste numa aspiração e numa vocação tecida de “fidelidade criadora” e investida por uma “exigência ontológica”: “É necessário que haja – ou seria necessário que houvesse – *ser*, que tudo não se reduzisse a um jogo de aparências sucessivas e *inconsistentes*” (MARCEL,1949, p. 51). A “exigência ontológica”, assim formulada, é uma “exigência de coesão e plenitude” (MARCEL,1968, p. 86), para além da precariedade, indigência e do exílio da existência. Esta exigência é consubstancial – ou seja, gera e manifesta - uma “misteriosa garantia” dada sob a forma intelectual de uma “intuição cega” e sob a forma vivida de um “pressentimento”.

Num movimento reflexivo que evoca algo do argumento ontológico, pode dizer-se que a referida exigência é a mais íntima e seminal manifestação –inverificável mas indubitável – do que nela mesmo é exigido. Como tal, não saberia depender exclusivamente de mim – em sentido psicológico - pois ela é a primeva revelação da minha “participação numa realidade que me ultrapassa e envolve, sem que, contudo, de modo algum a possa tratar como exterior ao que sou” (MARCEL,1968, p. 142). Assim, a exigência ontológica não desoculta um vazio, nem a inquietude metafísica que lhe é inerente se confunde com uma angustiada vertigem. É esta dualidade da “garantia” pressentida e da “indigência” a colmatar – no seio da exigência - que marca a dinâmica existencial.

Esta “misteriosa garantia ontológica” – ainda que intermitente e sujeita a eclipses – é, aliás, o núcleo íntimo da esperança:

a esperança consiste em afirmar que há no ser, para além de tudo o que é dado, de tudo aquilo que pode constituir matéria de inventário ou base de suputação, um princípio misterioso que está conivente comigo, que não pode deixar de querer também aquilo que eu quero, desde que aquilo que eu queira mereça efetivamente ser querido e é com efeito querido por mim inteiramente” (MARCEL,1968, p. 68-69).

Assim, a esperança não se confunde com o desejo ou a expectativa psicologicamente constituída. Para Marcel, pelo contrário, a esperança não é nem uma projeção desiderativa, nem um prognóstico favorável assente no cálculo do probabilidades ou em disposições otimistas. Mais ainda, ela situa-se além do “projeto” e realiza um vínculo misterioso entre passado, presente e futuro.

Assim sucede porque ela não se especifica nem determina: a esperança não consiste em “esperar que...”, mas “viver em esperança”. Não se trata, portanto, de uma tensão e intenção desiderativa que, delimitando um objeto, ou formulando uma determinada expectativa se exponha à refutação empírica. Tudo está, nesta medida, em tomar o “esperar” absolutamente e não relativamente.

O caminho para si-mesmo consiste na resposta a um apelo, a um chamamento do “mais interior a mim do que eu-mesmo” (MARCEL,1968, p. 156), ou seja numa vocação. Mas o que há de particular neste apelo é que ele é simultaneamente intrapessoal, interpessoal e suprapessoal. Por isso, a ontologia concreta – que é uma onto-antropologia - declina-se no interior de uma “metafísica da invocação”.

Tornar-se naquele que se é: figuras marcelianas do caminho para si mesmo

BEATO, José Manuel

O caminho para si-mesmo é sempre intersubjectivamente mediado e passa por experiências de comunhão ontológica tecidas de uma “fidelidade criadora”.

A partir da leitura dos textos essenciais de Marcel, podemos discernir três dimensões constituintes da fidelidade em Marcel:

(a) Uma duração interior que releva da ipseidade pessoal: uma presença a si mesmo, que, assente no sentimento fundamental de si, se inscreve no tempo mas resiste à defluência dissolvente e desagregadora do devir.

(b) O movimento intersubjetivo de compromisso no ato da promessa e do juramento.

(c) Finalmente, uma dimensão que corresponde ao que a Gabriel Marcel designa como uma "*prise de l'être sur nous*" (MARCEL, 1949, p. 79). Esta presa de ser sobre nós é sentida como um apelo e vivida como uma vocação. O homem sabe e sente que "tem de vir a ser", que nisso reside a sua condição itinerante. Eu sou chamado a "tornar-me quem eu sou", mas por ai-mesmo, algo em mim já deve estar aqui e agora, em acordo e contacto com o que eu tenho de vir a ser. É esta tomada e misteriosa presença de ser que se projeta nas duas dimensões anteriores.

Deste triplo aspeto podemos retirar três consequências.

(1) A fidelidade não consiste num apego orgulhoso a si mesmo, ou numa afirmação presuntuosa de coerência e constância. Pois eu sou fiel a mim mesmo na resposta a um apelo: o apelo e a invocação do outro com quem livremente me comprometo; e o apelo do que em mim é mais profundo que eu-mesmo. Entre a fidelidade a si-mesmo e a fidelidade ao outro pode estabelecer-se uma essencial causalidade circular: "Ser fiel a si mesmo" consiste em responder a um certo "apelo interior" - um apelo "ontológico" mediado pela invocação e pelo resposta a outrem, no contexto de um "*coesse*".

(2) A segunda consequência é que, para ser de alcance metafísico, a fidelidade não pode ser um mero conformismo inerte, uma “constância formal” devendo, pelo contrário, vivificar-se contra a "esclerose do hábito" e a observância farisaica. A fidelidade quer-se criadora enquanto perpetuação renovada de uma “presença”. Face à contingência das “disposições interiores” e à mutação das circunstâncias exteriores, é somente sendo criador que posso ser fiel. Apenas se “salvaguarda criando”, numa luta ativa contra o esquecimento e a "dispersão interior". Na verdade, "há apenas conservação na ordem do criado", e somente há duração do que se transforma "sobrevivendo a si mesmo" (MARCEL, 1927, p. 150)¹².

(3) Terceira consequência: tudo isto releva do plano da autenticidade da pessoa que, para além do sincerismo instantaneista – quer dizer, da ética da sinceridade solidária do fenomenismo - não se confunde com a espontaneidade imediatista. Esta, enquanto adesão ao instante, renega e renuncia ao compromisso em benefício de flutuações afetivas e volitivas.

Chegados aqui, deveríamos desenvolver a fenomenologia e a metafísica da promessa de Gabriel Marcel, ponto essencial de seu pensamento dialógico. Nessa impossibilidade, deixemos algumas pistas. O desafio do compromisso enquanto gesto fundador da fidelidade – quando faço uma promessa ou lavro um juramento - consiste em

¹² Sobre a "fidelidade criadora", veja-se, por exemplo o capítulo homónimo em MARCEL. Gabriel. **Du refus à l'Invocation**. Paris: Gallimard, 1940.

Tornar-se naquele que se é: figuras marcelianas do caminho para si mesmo

BEATO, José Manuel

superar a seguinte alternativa e esconjurar a antinomia em que consiste. A saber, ou (a) admitir arbitrariamente uma invariabilidade do meu modo de sentir que não está realmente em meu poder de instituir; ou (b) aceitar com antecedência ter de vir a realizar ações que não refletem as minhas disposições internas quando eu as realizar. A esta antinomia, acresce ainda a alteração das inconstâncias exteriores e o surto dos acontecimentos que não dependem de mim e que intervêm no condicionamento tanto da minha ação externa quanto das minhas disposições internas.

Esta alternativa assenta numa “ética da sinceridade” – ou num "sincerismo" que confunde espontaneidade com autenticidade e que desconhece o que há de próprio no compromisso e na noção de "fidelidade criadora". Diremos somente que, na “promessa” ou no “juramento”, o eu compromete-se face a um “tu”, lança no porvir parte de si em jeito de fiança, e conjura um futuro. Por um ato livre, no instante, funda-se uma duração que visa superar o “tempo-sorvedouro”. Audaciosamente, a promessa empenha o sujeito num ato dialógico, em que a vontade de não questionar as decisões tomadas intervém como fator essencial na própria determinação do futuro (MARCEL,1940, p. 21). Ela giza uma forma de “incondicionalidade” que prefigura o que será. Em cada promessa vive-se a investidura misteriosa do “ser que somos”, que temos de vir a ser e de que devemos atestar (MARCEL,1968, p. 150).

É fundamental ver-se que a fidelidade não repousa sobre o indefetível, mas "cria o indefetível" (MARCEL, 2001, p. 153), assumindo assim uma caráter ontológico: "viver na luz da fidelidade é progredir numa direção que é a do próprio Ser" (MARCEL,1964, p. 83). Este vínculo da fidelidade e da promessa situa-nos na esfera da intersubjetividade que é, em Marcel, a sede do ontológico por excelência.

CONCLUSÃO

A itinerância do pensamento é, em Gabriel Marcel, indissociável da itinerância existencial. Tal é o sentido concreto desta filosofia da existência de pendor personalista e abertura metafísico-ontológica. A fórmula "torna-te quem és", retomada por Marcel, de Píndaro e Nietzsche, enquanto injunção ontológico-existencial e ético-moral, indica que o homem concreto tem de vir a ser algo e alguém que, de algum modo, e paradoxalmente, já é, sem porém saber exatamente o quê ou quem seja. A realização do caminho é essencial ao misto de gestação e revelação de que procede esta formulação do sentido. Consiste na resposta a um apelo e num ímpeto vital que podemos designar por "vocação". Não há caminho para si-mesmo que não passe pela comunhão ontológica com a fecunda alteridade do "tu". Não há deveniência existencial sem compromisso e fidelidade à "vocação" interior e ao "chamamento" do outro, feito "tu".

Cruzando a injunção pindárica "torna-te naquele és" com a máxima marceliana "ser é estar a caminho", pode sugerir-se uma resposta dinâmica à pergunta nuclear da “ontologia concreta” de Gabriel Marcel “o que sou?”. “Sou aquele em que(m) devo tornar-me”: tal seria a sua formulação.

Tornar-se naquele que se é: figuras marcelianas do caminho para si mesmo
BEATO, José Manuel

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Metafísica**. Trad. de Mário Matos e Bernhard Sylla. Lisboa: Piaget, 2017;

JANKELEVITCH. Vladimir. **Le Je-ne-sais-quoi et le presque-rien**: vol. 2: La Méconnaissance, le malentendu. Paris: Seuil, 1980 ;

JANKELEVITCH. Vladimir. **Traité des vertus: tome 2**: Les vertus et l'Amour. Paris: Bordas/Flammarion 1970 ;

LAVELLE. Louis - **De L'Être**. Paris: Aubier, 1947.

MACINTYRE. Alasdair. **After Virtue**: a study in moral theory. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2007

MARCEL, Gabriel. Regard en arrière. *In*: **Existentialisme chrétien**: Gabriel Marcel. Paris: Plon, 1947

MARCEL. Gabriel. **Du refus à l'Invocation**. Paris: Gallimard, 1940.

MARCEL. Gabriel. **Être et Avoir: vol.1**: Journal métaphysique (1929-1933). Paris: Aubier Montaigne, 1968

MARCEL. Gabriel. **Homo Viator**: Prolégomènes à une Métaphysique de l'Espérance. Paris: Association Présence de Gabriel Marcel, 1997

MARCEL. Gabriel. **Journal Métaphysique**. Paris: Gallimard, 1997b

MARCEL. Gabriel. **La dignité humaine et ses assises existentielles**. Paris: Aubier-Montaigne, 1964.

MARCEL. Gabriel. **Le déclin de la sagesse**. Paris : Librairie Plon, 1954.

MARCEL. Gabriel. **Le Mystère de l'Être**: vol. I Réflexion et Mystère. Paris: Association Présence de Gabriel Marcel, 1997b

MARCEL. Gabriel. **Position et Approches Concrètes du Mystère Ontologique**. Paris: Vrin, 1949

MARCEL. Gabriel. **Pour une sagesse tragique et son au-delà**. [Paris]: Plon, 1968

MARCEL. Gabriel. **Présence et immortalité**. Paris: Association Présence de Gabriel Marcel, 2001

NIETZSCHE , Friedrich. **Ecce Homo**. Trad. de Artur Morão. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008

Tornar-se naquele que se é: figuras marcelianas do caminho para si mesmo
BEATO, José Manuel

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Trad. de Alfredo Margarido. Lisboa: Guimarães, 1984

NIETZSCHE, Friedrich. Schopenhauer éducateur. *In: Considérations inactuelles III et IV*, Texte établi par G. Colli et M. Montinari, Trad. Henri-Alexis Baatsch [et al.], Gallimard, Folio essais, Paris, 1990

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano Demasiado Humano**. Trad. de Paulo Osório de Castro. Lisboa: Relógio D'Água, 1997

PÍNDARO. **Odes Píticas**. Trad. e notas de António Castro Caeiro. [Lisboa]: Prime Books, 2006. p. 40

RICCEUR. Paul - **Soi-même comme un autre**. Paris: Seuil, 1990